

**HETEROTOPIAS DO DESASSOSSEGO: LITERATURA
E SUBVERSÃO SEXUAL NA AMÉRICA LATINA**

Este artigo pretende averiguar a estruturação dos arranjos eróticos e políticos pautados na subversão da heteronormatividade (BUTLER, 1999), e na reinvenção dos afetos e dos prazeres daí advinda. Realiza-se uma leitura panorâmica da produção literária em diferentes países da América Latina, no afã de construir uma *heterotopia* (FOUCAULT, 2001), com vistas a identificar semelhanças e diferenças na estruturação das paisagens heterotópicas do romance latino-americano contemporâneo. Avalia-se também, desta maneira, o impacto destas ficções políticas no tocante à representação do gênero e à subversão dos regimes heteronormativos no que diz respeito aos recursos estilísticos mobilizados pela recente ficção latino-americana.

Palavras-chave: literatura latino-americana, heterotopia, heteronormatividade, subversão

**HETEROTOPIES OF UNEASINESS: LITERATURE
AND SEXUAL SUBVERSION IN LATIN AMERICA**

This article intends to explore the structuring of erotic and political arrangements when it comes to subversion of heteronormativity (BUTLER, 1999). It also explores the reinvention of affections and pleasures. We try to perform a wide rereading in different Latin American nations, which aim is to draw a heterotopia (FOUCAULT, 2001), identifying sameness and difference in heterotopic landscapes delineated by Latin American contemporary novel. We consider, in the same way, an evaluation of the effects produced by these political fictions when it comes to gender representation and the subversion of heteronormativity, specially when this subversion is related to stylistic procedures that can be found in the contemporary Latin American narratives.

Keyword: Latin American literature – heterotopy – heteronormativity – subversion.

HETEROTOPIAS DO DESASSOSSEGO: LITERATURA E SUBVERSÃO SEXUAL NA AMÉRICA LATINA

Anselmo Peres Alós

Professor Doutor do Instituto Superior de Ciência e Tecnologia de Moçambique (ISCTEM), Maputo, Moçambique.
anselmoperesalós@yahoo.com.br

Introdução

De que maneiras as questões levantadas pela literatura comparada podem contribuir para que a Universidade amplie seu papel como pólo de construção de um mundo melhor em termos de uma educação que fomente princípios de cidadania e de direitos humanos, contribuindo para a participação nas lutas pela erradicação das exclusões, dos preconceitos e discriminações contra culturas, segmentos sociais e territórios geográficos relegados à subalternidade ou à condição de “outros”?

Na esteira dos estudos contemporâneos de literatura comparada, o caráter apriorístico do discurso literário vem sendo questionado, uma vez que, se a literatura é um discurso resultante de práticas sociais intersubjetivas, sua especificidade não passa de um jogo de convenções cristalizado em determinados momentos históricos. A noção de “literatura nacional” vem sendo avaliada atualmente em seus estritos vínculos com os processos de constituição das “comunidades imaginadas”, termo que Benedict Anderson utilizou em *Nação e Consciência Nacional* para descrever os processos históricos de constituição dos nacionalismos europeus no século XVIII (ANDERSON, 1989). O *valor artístico* dos artefatos literários, por grande tempo considerado uma qualidade intrínseca aos textos, passa a ser visto como o resultado da interação de fatores intrínsecos e extrínsecos, fatores estes que sempre incluem nuances políticas, refratando os interesses hegemônicos. A partir do abalo sísmico produzido pelas diversas correntes do pensamento contemporâneo, a teoria literária passou a questionar e *historicizar* a genealogia de suas próprias categorias de análise, e a pretensão ao universalismo vem

sendo abandonada em nome de uma reflexão sobre as condições históricas e contextuais em que seu próprio discurso é formulado. O projeto de uma “poética geral” e de uma “história da literatura universal” (já questionados, em alguns aspectos, desde os anos 50 por René Wellek) é abandonado e substituído por uma percepção pós-disciplinar que vê a literatura como *prática discursiva* em permanente diálogo com outros processos de semiose cultural, “contaminada” (no sentido derrideano do termo) por outros campos de saber, e implicada em relações de poder.

É neste contexto que os estudos comparatistas ganham uma relevância estratégica. Tal como afirma Mary Louise Pratt, em “Comparative Literature and Global Citizenship”, é fundamental “to advance a concept of comparative literature as a site for powerful intellectual renewal in the study of literature and culture”. Em tempos de diásporas e exílios transnacionais de escala planetária, produzidos por um sem-fim de conflitos étnico-raciais, pela intolerância religiosa e pelos novos fundamentalismos, a literatura comparada transforma-se em “an especially hospitable space for the cultivation of multilingualism, polyglossia, the arts of cultural mediation, deep cultural understanding, and genuinely global consciousness. It can develop these things both as scholarly endeavors and as new forms of cultural citizenship in a globalized world”. Finalmente, Pratt conclui seu raciocínio afirmando que “developing global perspectives cannot mean that each person must try – or claim – to know the whole globe” (PRATT, 1995, p. 62-63).

Heterotopias sexuais

Antes de se falar nas heterotopias sexuais, faz-se necessário explicitar a gênese da categoria *heterotopia*, cunhada por Michel Foucault. A heterotopia é um conceito acerca de *espaços outros*, os quais, pertencendo ao mundo em geral, afastam-se dele simultaneamente pelas alterações que provocam nas convenções e no regramento social. Se a *utopia* é um não-lugar, a *heterotopia* pode ser entendida, ao menos inicialmente, como uma “utopia realizada”. Ela é a contraposição ao mesmo tempo múltipla, laica, real e concreta à irrealidade e ao caráter imaginário das utopias. Indo um pouco mais além, pode-se afirmar que uma heterotopia é o lugar no qual a ordem social é invertida, anulada, colocada em suspenso, “entre aspas”, ou ainda, “entre parênteses”. Para utilizar uma noção já bastante conhecida nos estudos literários, a heterotopia *carnavaliza*, no sentido que Mikhail Bakhtin¹ (1993) dá ao termo, as regras e os códigos sociais vigentes.

Michel Foucault² define as heterotopias com as seguintes palavras:

¹ Ver também, com relação ao conceito bakhtiniano de carnaval, Kristeva, 1974.

² Michel Foucault desenvolve as primeiras reflexões acerca da noção de heterotopia no texto “Les espaces autres: Hétérotopies”. Originalmente uma conferência realizada por Foucault no *Cercle d'Études Architecturales*, na Tunísia, em 14 de março

Há, [...] e isso provavelmente em qualquer cultura, em qualquer civilização, lugares reais, lugares efetivos, lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contra-posicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos os outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis. Esses lugares, por serem absolutamente diferentes de todos os posicionamentos que eles refletem e dos quais eles falam, eu os chamarei, em oposição às utopias, de heterotopias (FOUCAULT, 2001, p. 415).

Entendida como uma forma de contestação ao mesmo tempo real e mítica dos espaços sociais, a heterotopia torna-se noção pertinente aos estudos literários, uma vez que permite pensar em uma *heterotopologia* (isto é, um *estudo dos espaços outros*, ou dos *espaços de alteridade*) através da representação realizada pela obra literária. No estudo das representações veiculadas pelo discurso literário, contempla-se não somente a heterotopia, mas também os embates de poder nela localizados. Cabe lembrar que a heterotopia possui a desconfortável propriedade de, ao mesmo tempo, relacionar-se com diversos lugares (isto é, permanece nela a memória dos lugares hegemonia), sem se deixar afetar pelas regras de tais lugares (a saber, as regras do mesmo, ou ainda, as regras hegemônicas). Através da compreensão desses espaços outros, torna-se possível compreender também *relações sociais outras* constituídas nos interstícios das heterotopias. Em outras palavras, as heterotopias funcionam como fonte de *manifestações culturais outras*, as quais, por sua vez, constituem fonte de *identidades sociais outras*. É o próprio Foucault, ao utilizar termos como *leitura* e *cultura* em sua explanação acerca das heterotopias, quem autoriza o deslocamento da noção para o campo dos estudos literários, em especial aqueles desenvolvidos nas searas do comparatismo:

Quanto às heterotopias propriamente ditas, como se poderia descrevê-las, que sentido elas têm? Seria possível supor, não digo uma ciência – porque é uma palavra muito depreciada atualmente – mas uma espécie de descrição sistemática que teria por objeto, em uma dada sociedade, o estudo, a análise, a descrição, a “leitura”, como se gosta de dizer hoje em dia, desses espaços diferentes, desses outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos; essa descrição poderia se chamar heterotopologia. Primeiro princípio é que provavelmente não há uma única cultura no mundo que não se constitua de heterotopias. É uma constante de qualquer grupo humano. Mas as heterotopias assumem,

de 1967, é somente em 1984 que o autor autoriza a sua publicação na revista *Architecture, Mouvement, Continuité* (nº 5, outubro de 1984, p. 46-49).

evidentemente, formas que são muito variadas, e talvez não se encontrasse uma única forma de heterotopia que fosse absolutamente universal (FOUCAULT, 2001, p. 415-416).

Em última análise, a concepção da heterotopia apresenta uma nova linha de argumentação, capaz de associar a espacialização das relações de poder, através de uma “heterogeneidade representacional”, aos “espaços outros” que emergem no texto literário, lugares nos quais se desafiam os regimes hegemônicos de representação. O atento olhar de Foucault salienta, pois, o fato de que a multiplicação das representações sociais (particularmente nos domínios urbanos), associada à fragmentação, deveria levar a uma reflexão mais complexa sobre o espaço nas ciências humanas.

Quando falo em heterotopias sexuais, refiro-me a espaços sociais nos quais os pressupostos heteronormativos de produção de identidades são colocados em suspenso, permitindo o surgimento de novas configurações de gênero e desejo. Se há um pacto social heteronormativo, o qual foi chamado de *heterossexualidade compulsória* por Adrienne Rich (1980), de *contrato heterossexual* por Monique Wittig (1992), ou ainda, de *matriz heterossexual* por Judith Butler (1990), e se este pacto funciona como cerceador de subjetividades não-heterossexuais, como explicar o (en)gendramento social das identidades de sujeitos não-heterossexuais como lésbicas, travestis, gays, transexuais, bissexuais, intersexuais, *drag queens* e *drag kings*?

Se o policiamento das identidades de gênero e sexualidade é tão sagaz, de que maneiras esses sujeitos encontram suporte para a manutenção, no espaço social, dessas identidades sexuais contra-hegemônicas? Uma hipótese seria a de que as *heterotopias sexuais* estão configuradas de maneira a possibilitar uma certa legitimação – ainda que por vezes parcial e provisória – de tais identidades. O internato, a caserna e os prostíbulos, em um determinado momento histórico, funcionaram como as heterotopias legitimadoras das identidades sexuais não-burguesas e não-heterossexuais, as quais desafiavam os pressupostos heteronormativos. Em um momento histórico posterior, heterotopias específicas começam a ser delineadas, tornando-se espaços específicos de produção, circulação e legitimação de identidades e práticas sexuais contra-hegemônicas. Posto em outras palavras, a noção de heterotopias sexuais designa os espaços sociais nos quais se torna possível a formulação e a disseminação de identidades sexuais subalternizadas. Cabe ressaltar a importância de não confundir o prefixo *hetero-*, presente nos termos “heterotopia sexual” e “heterossexualidade”, uma vez que a heterotopia é, por excelência, o lugar de contestação da matriz heteronormativa e da crença de que o “natural” e o “normal”, no que diz respeito à sexualidade, sempre será declinado na heterossexualidade.

Disseminados pelo espaço urbano, lugares específicos como as boates gays assumem um caráter intermediário entre o real (para o sujeito que as frequenta) e o mítico (para o sujeito que conhece a existência delas, mas se mantém distante). Outros lugares disseminados pela cidade também as-

sumem essa função de utopia real na qual o exercício de práticas sexuais não-convencionais ocorre. Exemplo disso são os parques públicos, espaços nos quais, durante a madrugada, travestis e *taxi boys* oferecem seus serviços sexuais a clientes anônimos. A disseminação das redes digitais e a democratização do acesso à internet possibilitam, por sua vez, a construção de heterotopias virtuais extremamente funcionais na constituição de novas identidades sexuais, tais como as salas de *virtual chats*, as páginas virtuais de agências de acompanhantes e, mais recentemente, os *sites* de anúncios pessoais, nos quais uma “hiperespecialização” das práticas sexuais multiplica as categorias sexuais que outrora eram dadas como cristalizadas e estanques. O par opositivo hetero/homo pulveriza-se, dando lugar a uma heterogênea profusão ciberespacial de homossexuais, bissexuais, heterossexuais, *crossdressers*, fetichistas e curiosos. Tal disseminação das identidades sexuais instaura um complexo inventário de categorias, semelhante àquela enciclopédia chinesa da qual fala Jorge Luis Borges, e que inspirou Foucault a escrever *As palavras e as coisas* (1981). Todavia, parece-me impossível compreender essa profusão de novas identidades, as quais desestabilizam até mesmo os limites das categorias de gênero e sexualidade, sem compreender as heterotopias que possibilitam sua emergência.

As heterotopias masculinistas e a exclusão das mulheres

No momento em que textos literários preocupam-se em narrar as heterotopias sexuais, eles consequentemente abrem uma fissura nas representações canônicas da heterossexualidade, permitindo a disseminação e a circulação de um capital simbólico subversivo. Ainda que aparentemente paradoxal, algumas dessas heterotopias sexuais excluem sistematicamente de seus interstícios a participação das mulheres, sejam elas heterossexuais ou não. Surgem assim as heterotopias monossexuais masculinas, nas quais as funções sociais tradicionalmente atribuídas às mulheres (tais como as figuras arquetípicas da enfermeira dedicada, ou da prostituta fútil e consumista), são performativizadas por homens. Entre as narrativas contemporâneas que constroem heterotopias monossexuais como a base de seus enredos, cabe destacar *Salón de belleza* (1994), do mexicano Mario Bellatín, e *La virgen de los sicarios* (1994), do colombiano Fernando Vallejo³.

Em *Salón de belleza*⁴, tal como sugere o título, é narrada a história de um salão de beleza, cuja dona, um travesti, vai aos poucos transformando em morredouro – tal como os leprosários – exclu-

³ Em 2004, no *Encontro Internacional da ABRALIC*, Mary Louise Pratt apresentou uma leitura dessas obras, na qual apontava a exclusão das mulheres e o caráter suicida desses agrupamentos monossexuais masculinos. Importa aqui sinalizar minha dívida com Pratt, ainda que minha leitura seja um pouco divergente daquela apresentada por ela em sua conferência, intitulada “Os Imaginários Planetários”. Finalmente, cabe registrar meus agradecimentos a Pratt, que gentilmente disponibilizou, via e-mail, uma cópia do texto original da referida conferência, o qual permanece inédito até o presente momento.

⁴ As citações são feitas com base na edição argentina, de 2005.

sivo para homens infectados por uma peste. A personagem principal cumpre o papel de enfermeira, dando os cuidados mínimos para que estes homens morram com um mínimo de dignidade. Aos pacientes é ministrada uma refeição diária, e estão terminantemente proibidos no salão de beleza quaisquer medicamentos ou terapias que possam prolongar a sobrevivência dos hóspedes moribundos. Analogamente aos cuidados com os moribundos, a protagonista-travesti dedica uma parte de seu tempo a adornar seu salão com grandes aquários, nos quais observa uma ordem social complexa e diversa da ordem social humana. Entre os peixes, a protagonista observa violentos rituais de morte, incesto e canibalismo envolvendo machos, fêmeas e filhotes. A partir desses grandes aquários, a “naturalização” de construções sociais como a afetividade, os laços familiares e os tabus do incesto são denunciados como ficções sociais erigidas na esfera das relações humanas, determinadas historicamente e passíveis de reconfiguração. A metáfora do salão de beleza que se torna morredouro por causa de uma peste desconhecida e avassaladora traduz a angústia escatológica enfrentada, no início dos anos 80, pelo advento da epidemia mundial de AIDS, taxada pela mídia (e mesmo pelo discurso científico da época) como “câncer gay”.

No momento em que decide abandonar a estética e transformar o salão em morredouro, a narradora impõe a exclusão absoluta das mulheres no salão de beleza. Funções tipicamente femininas, tais como a cozinha, a limpeza e o cuidado dos pacientes, são todas assumidas pela protagonista-travesti, enquanto algumas mulheres moribundas e aflitas gritam desesperadamente pedindo ajuda do lado de fora do morredouro. Curioso sublinhar que a protagonista (ela própria infectada pela peste), depois de uma vida dedicada a tornar as mulheres mais belas, investe todas as suas economias para converter seu templo à beleza feminina em uma heterotopia monossexual masculina. Instaure-se assim a falência das esperanças em tempos melhores, ou ainda, uma crise que ruína as esperanças no futuro, na medida em que a morte eminente é o único horizonte de possibilidades contemplado pelos pacientes do salão de beleza.

O romance *La virgen de los sicários*, de Fernando Vallejo, narra a relação do narrador Fernando, um professor universitário de meia-idade, com seu companheiro Alexis, um jovem *sicario*⁵. A vida do jovem sicário é composta por uma série alucinante de assassinatos, o que, inevitavelmente, culmina com a morte do próprio jovem. Alexis, com sua compulsão por CDs de *rock and roll*, tênis e roupas de *griffe*, desempenha o papel da prostituta consumista, frívola e passional. Uma vez mais, as mulheres são excluídas da heterotopia sexual narrada pelo romance. Nas raras vezes em que são mencionadas, percebe-se que o narrador trata o sujeito feminino como dispensável nesta nova ordem mundial, perpassada por mortes e pela violência, e cuja finalidade parece ser a da irremediável

⁵ Um *sicario* é um matador de aluguel, geralmente envolvido com o narcotráfico.

destruição da civilização humana. O narrador está marcado pela ambivalência: se é verdade que Fernando denuncia a exploração e o aliciamento de menores pelo crime organizado, cabe destacar também que o narrador não está posto como mera vítima de uma conjuntura cultural heteronormativa, mas como um explorador de outros subgrupos marginalizados. Se o narcotráfico alicia o matador, Fernando – suposto crítico deste aliciamento – alicia os mesmos jovens no comércio sexual. Tal como para os pacientes terminais de *Salón de belleza*, para os *sicarios* não resta muito além da morte iminente na mira de um revólver alheio. Assim é “justificada” a postura hedonista do jovem Alexis, dedicado a desfrutar os prazeres consumistas prometidos pela cultura *rock and roll* e pelas grifes esportivas. Ao final do romance, Alexis é morto por outro sicário, e Fernando, “viúvo”, passa a encontrar-se com o assassino de seu antigo amante. A pseudo-redenção deste narrador se dá quando, descobrindo que está envolvido com o matador de seu ex-amante, resolve perdoar o assassinato, pondo, assim, um fim ao ciclo de vinganças. Entretanto, a atitude de Fernando não chega a provocar uma ruptura, pois sua nobre atitude em nada altera o destino dos sicários colombianos, tampouco o tipo de relação que ele próprio cultiva com seus amantes.

Os romances de Mario Bellatín e Fernando Vallejo sinalizam um aspecto importante, característico das heterotopias sexuais contra-hegemônicas e masculinistas que emergem na contemporaneidade, as quais configuram, através da representação literária, espaços contraditórios de embates identitários, lugares nos quais diferentes campos de poder entram em conflito. Para afirmar possibilidades identitárias que estão situadas além dos papéis tradicionais declinados na heterossexualidade, é necessária a exclusão das mulheres, cujos papéis sociais são assumidos pelos homens. Em nome da afirmação de possibilidades identitárias homossexuais, perpetua-se a manutenção patriarcal da exclusão e do silenciamento das mulheres. Em contrapartida, estas heterotopias monossexuais masculinistas estão fadadas a um trágico destino: todos morrem, ou estão condenados a uma morte precoce, e evidencia-se a possibilidade de que homens homossexuais atuem, muitas vezes, como opressores de mulheres ou das classes subalternizadas (no caso específico de *La virgen de los sicarios*). Ironicamente, o caráter apocalíptico dessas heterotopias sinaliza um reconhecimento, ainda que indireto, das reflexões e conquistas do feminismo, ao apontar para o colapso eminente de um suposto mundo social do qual as mulheres formam sistematicamente excluídas.

As heterotopias e as fissuras dos aparelhos ideológicos

O romance de estréia do peruano Jaime Bayly, *No se lo digas a nadie* (1994), é uma obra com rasgos de romance de iniciação, na qual se pode observar o protagonista a descobrir sua homossexualidade. Bayly narra a história do jovem Joaquín Camino, desde sua infância até a vida adulta, e os percalços

que enfrenta desde a infância por manifestar tendências homossexuais. Tal como na obra de Fernando Vallejo, o protagonista supostamente oprimido mostra-se um competente opressor. Um dos aspectos mais importantes da narrativa de Bayly está em evitar reducionismos essencialistas e vitimizadores, normalmente atribuídos à representação de homossexuais em representações midiáticas como as telenovelas, os filmes hollywoodianos ou os seriados estadunidenses, os quais reiteradamente constroem representações unidimensionais baseadas no *American gay way of life*.

Antes de sublinhar o papel das heterotopias neste romance, é importante salientar uma questão relativa à política do corpo. O protagonista de *No se digas a nadie* tem no seu corpo o lugar de investimento político de diferentes discursos. Ainda na infância, sua mãe Maricucha, com uma hiperbólica devoção ao catolicismo, reduz o corpo do filho a um depositário de virtude e de pecado. Para o pai de Joaquín, por sua vez, o corpo é o meio de impor a masculinidade aos outros. É através do embate físico com os outros meninos de sua idade que Joaquín deve impor aos seus colegas sua virilidade. Em outras palavras, o corpo masculino é uma das primeiras ferramentas que Joaquín deve utilizar para o exercício daquilo que Pierre Bourdieu (1998) chama de *dominação masculina*. Para o próprio Joaquín, a partir de sua adolescência, o corpo é o lugar de exercício da sexualidade, um lugar autotélico de experimentação do eu. Coextensivamente, é também tanto o lugar de resistência aos valores masculinistas do pai quanto aos valores religiosos da mãe. Joaquín, ainda que olhe criticamente para a dominação masculina, para a farisaica moral católica e para os regimes heteronormativos de constituição do sujeito, não se desvincula completamente dos privilégios que lhe são assegurados por seu pertencimento à elite branca dominante. O lugar subalterno das mulheres e dos descendentes indígenas na sociedade *limeña*, ainda que percebido, não é problematizado ou tomado criticamente por parte do protagonista.

Se o corpo de Joaquín é o lugar de investimento de tantos sentidos, cabe destacar os contextos nos quais esse corpo é investido de significados sexuais. Ou melhor: em que heterotopias as projeções do pai ou da mãe de Joaquín podem ser contestadas? Tais oportunidades surgem, por exemplo, por ocasião do acampamento infantil coordenado pelos padres da *Opus Dei*, quando um dos irmãos que coordenam o acampamento tenta abusar sexualmente de Joaquín. Se a Igreja é, para utilizar a expressão de Althusser (1980), um *aparelho ideológico do Estado*, o acampamento é uma heterotopia que põe em suspenso as regras que regem a castidade e a virtude. O acampamento torna-se um lugar de embate entre os valores da castidade e a experimentação de novas formas de sexualidade. Longe dos olhos oficiais da *Opus Dei*, o acampamento torna-se um espaço mágico no qual erotismo e preceitos religiosos hibridam-se e o corpo infantil carrega-se de sensualidade. A polícia moral orquestrada pelos padres abre espaço para a objetificação e erotização dos corpos infantis. A heterotopia do acam-

pamento, então, torna-se o lugar no qual os valores simbolizados pelo fundamentalismo religioso são contestados. Conseqüentemente, a oposição binária “pecado vs. virtude” cai por terra, uma vez que o jovem protagonista começa a questionar a moralidade dos padres.

Outra heterotopia disruptiva para a pretendida identidade heterossexual de Joaquín é o bordel, lugar para onde é levado por seu pai, para receber seu “presente de aniversário” quando entra na adolescência. Lugar das iniciações heterossexuais masculinas, o bordel transforma-se em um lugar tétrico e ameaçador para Joaquín, que não consegue excitar-se nem com o ambiente escolhido por seu pai para a iniciação sexual, nem com a sedutora e jovem prostituta que lhe cabe. A heterotopia masculina e heterossexual transforma-se então no lugar do pacto e da revelação. A jovem prostituta promete ao garoto que não vai contar nada sobre o fracasso sexual ao seu pai ou às outras prostitutas. Ao perguntar se o jovem cliente prefere homens a mulheres, abre-se para Joaquín uma possibilidade até então não imaginada: a do desejo pelo mesmo, isto é, a possibilidade de uma identidade homossexual. O confronto estabelecido entre o jovem homossexual e a profissional do sexo possibilita a demarcação de um campo de negociações identitárias, no qual uma provisória identidade homossexual é proposta, de maneira surpreendente, pela própria prostituta, e não por Joaquín.

Estas duas diferentes heterotopias (o bordel e o acampamento), com suas diferentes lógicas e com uma relativa permeabilidade, possibilitam a Joaquín Camino pensar o seu próprio desejo em diferentes termos. Do “pecado permitido” à iniciação sexual fracassada, estes dois espaços distintos inauguram outras possibilidades (que não a heterossexual) para o protagonista declinar seus desejos sexuais. Se é verdade que o discurso religioso e o discurso da iniciação (hetero)(s)sexual são potencialmente homofóbicos e heteronormativos, cabe sublinhar que as heterotopias refratam e ressignificam a heterossexualidade, abrindo a possibilidade de irrupção de uma identidade homossexual masculina, ainda que marginal. Diferentemente de *Salón de belleza* ou *La virgen de los sicarios*, o romance *No se lo digas a nadie* inclui as mulheres em momentos importantes do enredo, como a prostituta que revela a natureza da sexualidade e ganha o papel de “pitonisa das identidades sexuais”.

Contudo, em *No se lo digas a nadie*, a heterotopia místico-sexual envolvendo o acampamento coordenado pela *Opus Dei* não chega a tomar o espaço central da narrativa, como ocorre em outros romances latino-americanos. Este é o caso de *Em Nome do Desejo*, do brasileiro João Silvério Trevisan, publicado pela primeira vez em 1983. Através de um diálogo estabelecido entre duas vozes “descorporificadas”, é narrado o cotidiano do Seminário (uma escola religiosa), bem como as aventuras e desventuras de Tiquinho e Abel, dois meninos adolescentes que descobrem, simultânea e paulatinamente, o amor, a homossexualidade e o eficiente aparato ideológico-repressor da Igreja e da Escola. Em meio a reflexões acerca da rotina e dos princípios místicos do Seminário, vão desvendando-se

inocentes envolvimento entre os alunos internos, bem como não tão inocentes envolvimento entre os pais-professores e outros alunos. Por um lado a escola religiosa é um aparelho ideológico bastante funcional no que diz respeito ao cerceamento dos desejos dos internos; por outro, as redes de poder tecidas entre os alunos (e entre alunos e professores) revela que, por trás dessa moralidade “oficial”, fervilha outra realidade, repleta de desejos e paixões entre os internos, e mesmo entre os internos e os professores.

O Seminário constitui-se como espaço social coercitivo como um todo. Todavia, há fissuras nas quais a ordem vigente deste espaço é questionada. E, nestas fissuras, as heterotopias estendem suas raízes e instalam-se como lugares de alteridade. Enveredando-se no bosque de eucaliptos, nos recantos escuros dos banheiros e dormitórios, ou mesmo na sala de preces no momento em que esta está desocupada, alguns meninos vão estabelecendo um novo conjunto de regras que contesta, reformula e subverte o poder “oficial” representado pelos estatutos do Internato, possibilitando novos arranjos eróticos e afetivos. Arranjos estes que são diametralmente opostos aos valores da moral farisaica e da sexualidade obnubilada, promovidos pelos mentores do Seminário. Uma vez mais, é no interior das heterotopias – o eucaliptal, o banheiro e os quartos de dormir – que a carnavalização e a contestação da moral sexual cristã e das tecnologias de educação e disciplinamento do corpo são performativizadas.

Heterotopias e moralidades: a reinvenção do pacto social

Se debater a homossexualidade é um eterno confronto com tabus e moralidades, o que dizer das tentativas de se pôr em discurso aquelas práticas sexuais consideradas tabus pelas próprias comunidades homossexuais? É importante lembrar que o sujeito à margem também exclui, ou seja: não é privilégio dos sujeitos da sexualidade hegemônica marginalizar práticas sexuais tomadas como heterodoxas. Os romances *Un año sin amor* (1998) e *El mendigo chupa-pijas* (2005), ambos de autoria do argentino Pablo Pérez, tocam no fundo de um dos comportamentos sexuais que mais assombram e seduzem o imaginário sexual: os pactos sadomasoquistas entre homens. Cabe lembrar que mesmo alguns seguidores do pensamento foucaultiano mostram-se reticentes quando vem a lume que o pensador francês era assíduo freqüentador das *dungeons* sadomasoquistas de San Francisco. As narrativas de Pérez – particularmente *Un año sin amor* – desvelaram para o público argentino o cotidiano do mundo *leather*, das *dungeons* repletas de homens em busca de sexo anônimo, e dos investimentos afetivos empreendidos por estes homens. Importa aqui reconstituir um pouco da trajetória que possibilitou a publicação desse romance.

Ao final de 1995, Pablo Pérez – que já havia estreado na cena das letras argentinas com seus poemas – recebe uma “encomenda”, com vistas a publicação na *Colección Hoy x Hoy Minorías*. Trata-se de um diário sobre o cotidiano de um escritor aidético. Ao longo do ano de 1996, Pérez passa a trabalhar sistematicamente sobre esse diário ficcional (ou *autoficção*). Diferentemente de muitas das narrativas sobre AIDS até então publicadas, a narrativa de Pérez termina com um sopro de esperança, uma vez que no final de 1996 é anunciada a criação do coquetel anti-retroviral, o que permitiu que a AIDS passasse de anátema mortal a doença crônica de tratamento continuado. Desta forma, o diário não é somente um inventário de perdas de amantes, amigos e familiares, mas também o relato de uma transformação histórica que marcou profundamente a maneira com a qual as pessoas – vivendo ou não com HIV – passaram a pensar a epidemia e o *status* da soropositividade.

Contudo, não é apenas por tratar da AIDS que o romance de Pérez balançou a crítica e a opinião pública argentinas. Pérez abriu para a comunidade letrada as portas do famigerado mundo das práticas sadomasoquistas (SM). As festas particulares, as *dungeons* no sótão do Comissário Baéz e os clubes específicos para encontros SM retratados no romance são importantes espaços de socialização e contestação do regime sexual heteronormativo e das normas de conduta de um tipo específico de vivência da homossexualidade, isto é, a homossexualidade bem-comportada das classes média e média-alta latino-americanas. Se de um lado há um grande contingente de ONGs e grupos militantes que centram suas reivindicações políticas no modelo familiar burguês, com bandeiras políticas como o direito ao ingresso nas forças armadas, o direito à união civil e o direito à adoção, há também outra tendência a questionar a validade de premissas políticas baseadas nas estruturas sociais calcadas na heterossexualidade. Como contraponto às reivindicações do primeiro grupo, esse segundo busca a politização dos usos do corpo, o direito à promiscuidade como posicionamento político, e o questionamento de instituições e estruturas corroídas pela moral heterossexual burguesa, como a família, a monogamia e a fidelidade.

Estas questões estão contempladas pelo narrador Pablo em seu diário, na medida em que retrata as conturbadas relações com sua tia (com quem divide o apartamento) e com o seu pai, bem como com seu irmão mais novo⁶. Como contrapartida, emergem as solidárias relações de amizade de Pablo, bem como os fortuitos encontros sexuais com desconhecidos. Todavia, é nas complexas relações que trava com os companheiros SM que emergem as mais subversivas possibilidades de existência social. Em um primeiro momento, pode parecer que a anarquia sexual do mundo *leather* não obedece a nenhuma lógica ou princípio pré-estabelecido, o que é uma conclusão falaciosa. Importantes códigos

⁶ Cumpre manter em mente, pois, a diferenciação entre narrador, autor e protagonista. Ainda que estas três “funções” ou “categorias” literárias sejam ocupadas por uma mesma *persona*, possuem dimensões diferentes para a análise literária.

de poder e subordinação tomam lugar nesses encontros. Como *master* soberano deste universo surge o Comissário Baéz, verdadeiro monarca da cena SM *porteña*. De igual importância é o personagem Martín, um dos amantes protegidos por Baéz, por quem Pablo apaixonou-se. Martín, ao despertar o desejo de Pablo, desperta um complexo jogo de embates pessoais no interior das heterotopias sexuais sadomasoquistas (o quarto, o sótão de Baéz e o clube *leather*).

Simultaneamente, Pablo deseja um companheiro *master* para longas sessões de *sexo fuerte* e um homem cálido e protetor para ampará-lo nas noites frias. Em Pablo coexiste tanto o desejo por experiências sexuais cada vez mais intensas quando o desejo por um companheiro terno, como fica expresso no anúncio publicado pelo personagem: “busco *master* o amigo varonil, activo, protector, bien dotado, para relación estable con sexo seguro” (PÉREZ, 1998, p. 55). Isso implica, em última análise, pensar novos arranjos eróticos e afetivos, nos quais um companheiro possa ser um *master* cruel e tirano no campo das práticas sexuais, e um terno e protetor companheiro no campo dos afetos. A sexualidade SM, obviamente, envolve jogos de dor e tortura, que vão desde formas amenas até chegar a práticas *hardcore*, tais como o *fist fucking*, o *spanking*, o estupro consentido e o *gang bang*. Não cabem aqui julgamentos de valor acerca de tais práticas, uma vez que todas elas ocorrem entre adultos, com mútuo consentimento e através de códigos particulares que delimitam claramente até que ponto cada um dos participantes está disposto a testar seus próprios limites de resistência à dor e à humilhação. A emergência dessas novas práticas dá vazão a novos usos do corpo e da sexualidade e, conseqüentemente, dá vazão a possibilidades subversivas de se vivenciar a sexualidade, os afetos interpessoais, os vínculos de solidariedade e – por que não – uma moralidade sexual mais alternativa e menos burguesa.

As heterotopias virtuais e os influxos do ciberespaço

O advento da internet revolucionou a maneira pela qual se lida com a informação. Hoje em dia, a troca de correspondência pessoal é vista como uma prática antiquada e *demodée*. Não se enviam mais cartas, mas sim *e-mails*. A rapidez do envio das mensagens eletrônicas assolou de tal forma a escrita que começa a nascer uma ortografia própria. Uma nova espécie de escrita ideográfica tornou-se possível graças à necessidade de expressar sentimentos sem se perder a linha argumentativa: são os *emoticons*, utilizados para expressar alegria (☺) e tristeza (☹), por exemplo. Não há como refutar a tese de que a internet está mudando a própria natureza de nossa relação com a linguagem e com a escrita. Não obstante, é inegável também o impacto destas tecnologias no campo da produção literária, uma vez que *weblogs* e *e-mails* caracterizam-se como novos gêneros textuais. Assim, os influxos do ciberespaço começam a revitalizar a produção literária nos últimos anos, reinventando os gêneros literários e as possibilidades de expressão através da escrita literária.

Dois espaços heterotópicos de escrita merecem atenção: o e-mail e as salas de *chat*. O e-mail, por sua natureza de contraparte virtual do endereço físico de um sujeito, transforma-se em uma tecnologia a produzir novas identidades. Não estando preso a um endereço ou a um nome fixo, posto que o endereço de e-mail é também virtual, uma única pessoa pode fragmentar-se e multiplicar sua identidade infinitamente. A partir da utilização de diferentes e-mails para diferentes interesses, o correio eletrônico tornou-se o emblema heterotópico de dissolução e reestruturação do eu. Contudo, é com os programas de conversação em tempo real como o mIRC®, o ICQ® e o MSN Messenger® que as possibilidades quase esquizofrênicas de múltiplas e simultâneas identidades são atingidas. No cenário teórico contemporâneo, não seria abuso afirmar que a internet ganha espaço como uma das mais potentes heterotopias a produzir identidades. Homossexuais, lésbicas, bissexuais, travestis e heterossexuais que se autodenominam “curiosos” surgem nas salas de bate-papo virtual, e nem sempre tais identidades são simétricas àquela da pessoa a digitar (e digitar-se) alhures. O sujeito, sabidamente constituído *na e pela* linguagem, é constituído nos espaços virtuais pela linguagem verbal, mas também por *emoticons*, *kbytes* e *underlines*. Esta é uma escrita criptografada na qual nem todos estão ainda alfabetizados. Esse “dialeto virtual”, conjugado com o jargão do gueto homossexual, dá margem ao nascimento de uma escrita praticamente incompreensível para aqueles que não fazem destas heterotopias lugares de constituição de suas subjetividades.

Operacionalizando toda esta discussão, o argentino Daniel Link dedica-se à produção de um novo modelo narrativo. *La ansiedad: novela trash* (2004) é um romance que investe em uma reinvenção da linguagem a partir da utilização de e-mails e da reprodução de diálogos do ICQ de vários personagens, em sua maioria homens solitários a errar pelas redes virtuais nas madrugadas portenhas. Nestes fragmentos textuais, mesclados com citações que vão de Michel Foucault a Thomas Mann, são representadas as ansiedades de homens em busca do afeto de outros homens, ou mesmo de uma simples noite de sexo anônimo. Mesmo lembrando vagamente a estrutura de um romance epistolar, *La ansiedad* é uma obra singular. A heterogeneidade dos materiais textuais utilizados em sua composição cria uma tensão bastante diversa daquela produzida pela seqüência de cartas em um romance epistolar como, por exemplo, *As Relações Perigosas*, de Laclos. Se a preocupação de Chordelos de Laclos estava assentada nos jogos de perfídia, sedução e infidelidade da decadente aristocracia de sua época, Link estrutura seu romance em torno das angústias e das ansiedades dos homens homossexuais, em particular daquelas causadas pela busca incessante de afeto e de prazer, das dificuldades de se conviver com a soropositividade e da solidão urbana das metrópoles latino-americanas.

Compreender a estruturação desta heterotopia virtual possibilita compreender melhor as identidades que nela nascem e morrem. Em tempos de individualismo e consumo massivo, a velocidade

das redes digitais possibilita novos arranjos de poder e novas maneiras de se contestar o *status quo* sem a necessidade de que o indivíduo saia de sua própria casa. Assim, compreender os ambientes digitais como heterotopias sexuais – isto é, como lugares nos quais os valores sexuais hegemônicos e heteronormativos são colocados em suspenso – possibilita a compreensão de duas coisas importantes: a) o influxo da linguagem digital na literatura como possibilidade de revitalização formal e estética, uma vez que as convenções da literatura são questionadas; e b) a utilização do ciberespaço como matriz de novas e disruptivas identidades sexuais.

Estes dois pontos podem ser resumidos em duas expressões: *nascimento de novas identidades textuais* e *disseminação de identidades sexuais “dissidentes”*. Em uma entrevista sobre seu livro, Daniel Link (que, além de escritor, é Professor de Literatura Comparada e Teoria Literária na Universidad de Buenos Aires), diz o seguinte: “Una de las constataciones más felices que realicé fue que las comunicaciones en internet funcionaban (y todavía funcionan) preponderantemente a partir de la escritura. Lo sepan o no, quienes participan del universo ciberespacial, están *escribiendo*” (LINK, 2004b).

Uma importante reviravolta instaura-se, então, uma vez que a noção de heterotopia, tal como o romance de Link permite assinalar, não se estende tão somente a espaços geograficamente situáveis, mas também aos fluidos espaços virtuais de redes digitais, tais como a internet. Os *softwares* de comunicação em tempo real, desta forma, configuram-se também como *heterotopias virtuais*, e a conversação em tempo real passa de simples espaço de *comunicação* a espaço subversivo de contestação e de negociação por novas possibilidades de subjetivação. Estes novos espaços possibilitam novas relações sociais que escapam às redes dicotômicas de “masculino vs. feminino” ou “homossexualidade vs. heterossexualidade”, instaurando resistência aos regimes de normalização dos gêneros.

Alejandro López, em seu romance *Keres cojer? = guan tu fak* (2005), também se utiliza dos recursos de linguagem geridos pela internet para a construção de sua narrativa. Vanessa Hotmail, a protagonista do romance, é um travesti nascido em Goya, interior da Argentina, e que vive em Buenos Aires, ganhando a vida como profissional do sexo a oferecer seus serviços para turistas. Vanessa economiza cada centavo que ganha para poder viajar para os Estados Unidos, onde finalmente poderá terminar as aplicações de silicone, o que lhe permitirá cobrar preços mais altos pelos seus serviços sexuais. Vanessa, por falta de recursos financeiros, tem apenas uma prótese mamária, implantada pelo Dr. Rodríguez, cirurgião plástico brasileiro. Em função disso, a própria Vanessa refere-se a si mesma como uma “travestí monoteta”. Mais do que sublinhar o caráter cômico desta desventura, importa assinalar a presença de uma preocupação com as mazelas da trajetória de travestis argentinas de baixa renda, para as quais, na maioria das vezes, não resta outro destino profissional além da prostituição.

O *software* MSN Messenger®, no romance de López, permite ao leitor visualizar os processos de constituição da identidade de Vanessa Hotmail. Através das conversas entre a protagonista e sua prima Ruth, o referido software passa de simples mecanismo de conversação a lugar de embate identitário, no qual ambas as personagens contestam radicalmente noções cristalizadas de amor, erotismo, família e moralidade. Ruth, casada com o paraguaio Toro, vive da venda de bebês recém-nascidos a casais estrangeiros estéreis. O que aparentemente seria um delito grave até mesmo para as moralidades mais progressistas e radicais revela-se como gesto humanitário, na visão das jovens grávidas, uma vez que o casal garante proteção, teto e comida para elas, gestantes completamente sem recursos, até que seus bebês nasçam e sejam encaminhados para famílias estrangeiras. A cegueira destas jovens para o regime de exploração ao qual estão sendo submetidas aponta para o fato que determinadas searas da América Latina não são vistas pelos olhos do Estado, que se mostra alheio às questões de tráfico de pessoas e de órgãos humanos.

Em termos formais, o romance de López é o que mais extrapola as convenções lingüísticas e literárias. Se Daniel Link é inovador por incorporar e-mails e transcrições de conversação em tempo real, Alejandro López chega ao extremo de reproduzir, nas páginas de seu livro, o *layout* do MSN Messenger®. A incorporação de novas tecnologias inclui ainda fotografias, *videoclips* e gravações de câmeras escondidas, armazenadas no *website* da editora. Em determinados momentos da trama, o leitor é convidado a acessar um *link* que o leva a esses outros fragmentos narrativos não-verbais. O resultado desse investimento em novas tecnologias permite a López, ao mesmo tempo em que está escrevendo literatura, extrapolar o conceito tradicional dela, instituindo assim uma escritura híbrida consoante com o cenário cultural contemporâneo da América Latina.

A utilização de novas tecnologias na escrita literária contribui também para redimensionar a reflexão sobre identidade e subjetividade entendidas como *processuais* e *intermitentes*. Ao ler a noção de tecnologia não apenas no sentido corrente nas ciências duras, mas na acepção foucaultiana de *tecnologias de subjetivação*, é possível identificar na personagem Vanessa Hotmail um investimento sobre o próprio corpo como *superfície de inscrição política e subjetiva*, dentre as quais a mais visível é, sem dúvida, a alteração de sua corporeidade através dos implantes de silicone. Cabe rememorar Donna Haraway, que em 1987 publica um profético manifesto acerca das novas possibilidades subjetivas a partir do impacto da tecnologia. Para ela, o *cyborg* é uma identidade política constituída na interface do humano e do maquinário tecnológico, no nebuloso entremeio onde a oposição natureza/cultura perde o seu sentido. Afirma Haraway:

O *cyborg* é uma criatura em um mundo pós-gênero, sem entretanto nenhuma relação com a bissexualidade, simbiose pré-edipiana, trabalho não-alienado, ou outras tentações de uma integridade orgânica, por meio de uma apropriação final de todas as partes em uma unidade maior. [...] o *cyborg* é também o *telos* apocalíptico ameaçador da escalada de denominações da individuação abstrata ocidental, um ser verdadeiro, livre finalmente de qualquer dependência, um homem no espaço (HARAWAY, 1994, p. 245).

Através da escrita de si no ciberespaço, Vanessa Hotmail constitui-se como um *cyborg*, reinventando o gênero e a sexualidade e desafiando o alcance da iluminista categoria do “humano”. Cabe ressaltar a alta-voltagem teórica e política da noção de heterotopia na compreensão da representação e na problematização das identidades homossexuais na literatura. O conceito de heterotopia permite transitar em um universo pseudo-misógino e desvendar ali aguda crítica à exclusão das mulheres na esfera pública; permite compreender melhor como as fissuras nos aparelhos ideológicos do Estado possibilitam o nascimento de subjetividades sexualmente subversivas; permite avaliar o papel de espaços *underground* na reconfiguração do erotismo através da ressignificação de idéias como corpo, prazer e violência; permite, finalmente, a atribuição de um *status* crítico ao ciberespaço, e uma mensuração – ainda que provisória – do papel das novas tecnologias sobre a literatura e a vida social do mundo contemporâneo.

Considerações Finais

De acordo com Ismail Sirageldin (2003), o final do século XX pode ser caracterizado por quatro forças motrizes a modelar o desenvolvimento humano, e que certamente se prolongam pelo século XXI. São elas *o desenvolvimento científico, a formação de capital humano, a cultura, e os processos de globalização*. Se é verdade que o desenvolvimento científico tem colaborado de maneira significativa para o desenvolvimento das comunidades humanas, também o é o fato de que tais avanços estão produzindo conseqüências desastrosas ao ambiente, fomentando o aumento da pobreza e das desigualdades sociais. O desenvolvimento humano na contemporaneidade está embasado no avanço e na acumulação de conhecimento científico. Neste cenário, o papel da *cultura*, em especial dos seus aspectos de diversidade e adaptabilidade, fazem-se essenciais. Se por um lado os processos de globalização institucionalizaram a abertura das fronteiras e possibilitaram maior fluxo de informação transnacional, por outro eles fomentaram – como conseqüência reacionária e reativa – um aumento das seqüelas resultantes dos choques culturais, tais como a violência e a intolerância.

Tal como Madame de Staël, que no início do século XIX introduz uma análise comparativa das literaturas e das artes alemãs na França com o livro *De l'Allemagne* (1810), o comparatista contemporâneo deve, antes de tudo, perguntar-se: “qual o propósito e a função social dos conhecimentos produzidos por minha atuação intelectual?”. Uma vez que o par opositivo “cultura nacional vs. cultura estrangeira” continua a pautar conflitos tais como os novos fundamentalismos nacionalistas, os estudos de literatura comparada podem colaborar para minimizar os efeitos perniciosos dos choques culturais. Não é por acaso que filósofos como Jacques Derrida (1988) e Emmanuel Lévinas (1993) detiveram-se, nos últimos anos do século XX, a temas como a amizade, a solidariedade e a ética (LÉVINAS, 1993): estas são questões de suma importância para o desenvolvimento e o progresso científicos, de maneira sustentável, nestes tempos difíceis, encobertos pelas sombras e incertezas do presente. A partir do trabalho intelectual realizado pela literatura comparada é possível redimensionar e ressemantizar a noção de *cosmopolitismo*, em especial através do estudo e da reflexão acerca da literatura e da cultura estrangeiras, isto é, dos “outros”, de forma a fazer da ética e da alteridade imperativos político-filosóficos para o novo milênio. Posto que o fluxo de informações em escala global torna inevitáveis os choques culturais, cumpre empreender esforços para que tais choques, dado que inevitáveis, tornem-se confrontos com resultados positivos e construtivos para as coletividades humanas do planeta.

Poderia o investimento político em representações sociais subversivas (as quais desnudam as opressões sofridas pelos *outsiders* sexuais latino-americanos, bem como as ambivalências com as quais tais sujeitos se deparam) funcionar como mecanismo de intervenção cultural? Conseguiria a literatura redimensionar as estruturas de pensamento mobilizadas para a interpretação desses sujeitos sociais nela representados? Fredric Jameson pergunta-se: “o texto é um objeto autônomo ou ‘reflete’ um contexto ou campo e, neste segundo caso, *apenas repete ideologicamente esse contexto ou campo*, ou possui um certa força autônoma graças à qual poderia ser visto como uma negação desse contexto?” (JAMESON, 1992). Uma vez que os artefatos culturais são aqui compreendidos, tal como sugere Jameson, como atos socialmente simbólicos, e que a literatura pode ser vista como um artefato cultural de caráter performativo, é legítimo e procedente afirmar que as representações subversivas da sexualidade na literatura não funcionam apenas como a negação de um contexto social heteronormativo. Mais do que simplesmente negar esse contexto, elas assumem o caráter de intervenção, já que narrativizam o mundo, as vivências e as maneiras pelas quais os indivíduos se organizam coletivamente, *construindo novos sentidos* para as práticas sexuais socialmente relegadas ao plano da abjeção.

Referências Bibliográficas

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa: Presença, 1980.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média*. São Paulo: Hucitec; Brasília: UnB, 1993.
- BAYLY, Jaime. *No se lo digas a nadie*. Barcelona: Seix Barral, 1994.
- BELLATÍN, Mario. *Salón de belleza*. Buenos Aires: Eloísa Cartonera, 2005.
- BERNHEIMER, Charles (ed.). *Comparative Literature in The Age of Multiculturalism*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *La Domination Masculine*. Paris: Seuil, 1998.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble*. 10th Anniversary Edition. London: Routledge, 1999.
- DERRIDA, J. “The Politics of Friendship”. *The Journal of Philosophy*. Number 8, Nov. 1988.
- FOUCAULT, M. *As Palavras e as Coisas*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- FOUCAULT, Michel. “Outros Espaços: heterotopias”. In: _____. *Ditos e Escritos – Vol. III*. Trad.: Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- HARAWAY, D. (1987). “Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80”. In: HOLLANDA, H. B. (org.) *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 245.
- JAMESON, Fredric. “A Interpretação: a literatura como ato socialmente simbólico”. In: *O Inconsciente Político*. Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992. p. 15-103.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- LACLOS, Chordelos de. *As Relações Perigosas*. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- LÉVINAS, E. *Humanismo do Outro Homem*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- LINK, Daniel. *La ansiedad: novela trash*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2004.
- LINK, Daniel. “El vértigo de la tecnología. Entrevista a Santiago Lima”. In: _____. *La ansiedad*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2004b. p. 9-16.

- LÓPEZ, A. *Keres cojer? = guan tu fak*. Buenos Aires: Interzona, 2005.
- PÉREZ, Pablo. *Un año sin amor*. Buenos Aires: Perfil, 1998.
- PÉREZ, Pablo. *El mendigo chupa-pijas*. Buenos Aires: Mansalva, 2005.
- PRATT, Mary Louise. "Comparative Literature and Global Citizenship". In: BERNHEIMER, Charles. *Comparative Literature in The Age of Multiculturalism*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1995. p. 58-65.
- RICH, Adrienne. "Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence". *Signs* 5, n. 4 (Summer, 1980).
- SIRAGELDIN, Ismail. "SUSTAINABLE HUMAN DEVELOPMENT IN THE TWENTY-FIRST CENTURY: AN EVOLUTIONARY PERSPECTIVE". In: _____. (Editor). *Sustainable Human Development*. [A book of *Encyclopedia of Life Sustainable Systems (EOLSS)*, developed under the auspices of the UNESCO. EOLSS Publishers: Oxford (UK), 2003. Disponível em: <http://www.eolss.net>.
- TREVISAN, J. S. *Em Nome do Desejo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VALLEJO, Fernando. *La virgen de los sicarios*. Bogotá: Alfaguara, 1994.
- WITTIG, Monique. *The Straight Mind and Other Essays*. Boston: Beacon Press, 1992.

Recebido em 22 de março de 2009

Aprovado em 26 abril de 2009